



XVI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XVI ENANCIB)
ISSN 2177-3688

GT 10 – Informação e Memória
Comunicação Oral

VERSOS DE UMA TRAJETÓRIA: POLÍBIO ALVES, UM HOMEM ENTRE *PAPÉIS*¹

VERSES OF A PATH: POLÍBIO ALVES, A MAN AMONG PAPERS

Ana Cláudia Cruz Córdula, UFPB
anacordula@gmail.com

Henry Poncio Cruz de Oliveira, UFPB
henry.poncio@gmail.com

Resumo: Compreendendo os arquivos pessoais como territórios de narrativas memorialísticas, capazes de expressar a trajetória de vida de um indivíduo ou de uma organização, a presente pesquisa debruça-se sobre o acervo pessoal ainda inexplorado do escritor paraibano Políbio Alves. Tendo como escopo a construção da sua trajetória literocultural e social, sob a perspectiva da escrita de si, busca revelar os escritos de uma trajetória, estabelecendo-se uma rede de significados e de descobertas, o que nos permite atribuir-lhe um valor autobiográfico. Para tanto, adotou-se como pressuposto metodológico a pesquisa qualitativa do tipo documental associada à história oral de vida e temática, como método. O levantamento realizado nos conduz à afirmativa de um escritor com características próprias, singularidade na escrita, verdadeiro operário da letra. Políbio Alves escreve, para além de suas obras, permitindo a escrita de seus “eus” através do seu acervo pessoal, nas entrelinhas dos ditos e não ditos. A partir dessa perspectiva, buscamos compreender a tessitura da seleção e organização de seu acervo como projeto de si.

Palavras-chave: Memória. Arquivo Pessoal. Políbio Alves. Escrita de Si. Autobiografia.

Abstract: Personal archives are understood as memory narrative territories able to express an organization's or individual's life journey, so the current piece of research is based on the personal archive, still unexplored, of the writer, from Paraíba, Políbio Alves. As the scope is to construct this literate, cultural and social trajectory under the perspective of self-writing, it intends to reveal the writings of a trajectory by establishing a relation of meanings and discoveries which enables us to attribute to it an autobiographic value. Therefore, as

¹ O conteúdo textual deste artigo, os nomes e e-mails foram extraídos dos metadados informados e são de total responsabilidade dos autores do trabalho.

methodological foundation the qualitative research of documental type will be adopted, being associated with the oral history of life as method. The survey carried out, so far, leads us to a declaration of a writer with his own characteristics, being unique in his writing, a real letter craftsman. Políbio Alves writes beyond his works enabling the writing of his “selves” by means of his personal archive, between the lines of the “already-said” and the “not-said”. From this perspective, it tries to understand the weaving of the selection and organization of the archive, as project of the self.

Keywords: Memory. PersonalArchive. PolíbioAlves. Self-writing. Autobiography.

1 PROSAS INICIAIS

O presente trabalho trata-se de um recorte da Dissertação de Mestrado em Ciência da Informação, defendida em fevereiro de 2015, que teve como objetivo geral construir a trajetória literocultural e social do escritor paraibano Políbio Alves, com base no seu arquivo pessoal, sob a perspectiva da escrita de si.

Nesse sentido assumimos, pois, o compromisso de desvendar e revelar um homem entre papéis. Em uma tripla analogia, trazendo à tona os papéis assumidos por Políbio Alves no contexto das múltiplas identidades, bem como, sua relação com os papéis interpretados como sinônimo de documentos, refletindo-se na sua relação com seu arquivo pessoal. Além da relação com sua produção literária, remetendo-nos a um homem entre papéis de sua escrita como escritor e poeta ávido.

A memória é condutora dessa travessia, tomada como:

[...] conjunto de eventos, fatos, personagens que, através da sua existência no passado, possuem experiências consistentes para o estabelecimento de uma relação da atualidade e o seu passado, quer imediato quer remoto. Essa relação está sempre mediada pela experiência [...]. (AZEVEDO NETTO, 2008, p.12).

Seu acervo pessoal é compreendido como fonte confessional, possibilitando-nos tornar imortal sua história, sendo esta, uma fonte confessional do próprio escritor. Nesse aspecto, recordemos Oliveira (2009, p. 44-45): “O acumulador de seus papéis é uma espécie de autor de si mesmo, pois, ao acumular seus documentos, elimina outros, deixando um itinerário pelo qual gostaria de ser reconhecido ou visto.”

Neste caso, resignificando a sua trajetória, percebemos os caminhos percorridos ao longo dos 74 anos de vida, de Políbio Alves. Propomos-nos tornar visível o que estava invisível, observando as pretensões dos ditos construídos no viés da escrita autobiográfica. Assim, transitamos por entre seu acervo, buscando reconstruir as memórias que ainda não

foram expressas pela escrita, embora estivessem “materializadas em outros suportes, à espera de um interpretante”. (OLIVEIRA, 2009, p.45).

Ao trabalharmos com um acervo pessoal, concordamos com Barreto (2000), ao afirmar que esta ação se configura como imersão em uma espécie labiríntica de informação que está atrelada aos documentos enquanto suporte de memória. Tomando-o como “objeto” de nossa interpretação, e como reflexo do seu próprio nome, ou talvez o seu nome próprio, refletimos: Poli (Vários), Bio (Vida). Nesse caso, não um homem com várias vidas, mas um homem que enfrentou várias situações na vida e que, em meio a turbulências, nunca desistiu de si próprio. Autêntico, singular não só na forma de escrever, mas também na forma de encarar a vida. Ao longo da qual, Políbio assume diversos papéis, identidades variadas, em lugares e momentos diferentes. E, nesse âmbito, convergimos com Oliveira (2010), quando indica que um homem pode ocupar vários espaços e atividades, através dos percursos marcados por seus deslocamentos, o que possibilita a construção de sua trajetória.

Diante do exposto, a autobiografia pode se revelar como a interpretação do narrador na busca do vivido de outrem, uma forma de entrar intimamente na vida do outro, situando-a no tempo e no espaço, dando-lhe seu lugar na história, informação que provém de diferenciadas fontes. Lejeune (2008, p. 184) afirma que: “a evocação do vivido produz um efeito de emoção e de presença que enriquece nossa experiência imaginária, mas não forçosamente nossa compreensão real do mundo, do outro e de nós mesmos”.

De acordo com Gondar (2005), a evocação da memória possibilita uma reconstrução dela própria, uma forma de representar o que foi feito, vivido, e essa representação traz consigo a perspectiva do presente. Não voltamos no tempo para reviver, mas refletimos sobre o vivido, agregando a experiência do presente ao frescor dos acontecimentos passados. Assim, ao lembrarmos, estamos repensando, representando “com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado” (BOSI, 1994, p. 55).

Do ponto de vista metodológico, adotamos a abordagem qualitativa do tipo documental associado à história oral temática e de vida (MEIHY; HOLANDA, 2014). Nessa perspectiva, objetivando uma aproximação entre as memórias materializadas nos documentos (objetos) e as histórias contadas no fio da relação de Políbio Alves com o seu próprio acervo, bem como através dos relatos orais de pessoas do seu convívio, optamos por fazermos uma interseção dessas duas linhas tênues, ambas, suportes memorialísticos, fundamentais para a construção de seu traçado biográfico. Revelando não apenas a trajetória de vida, mas tudo que está à sua volta e faz parte, direta ou indiretamente, de sua vida (SOUZA; OLIVEIRA, 2005).

A aplicação da história oral enquanto método pode ser realizada em pesquisas ocorridas em um passado não muito remoto, quando a memória evocada esteja ao alcance dos entrevistados, sendo ele ator ativo ou testemunha do fato vivido (ALBERTI, 2013). Diante desse contexto, reafirmamos a utilização da entrevista oral como um dos fios condutores desta pesquisa, e como um meio de evocar memórias e informações, possibilitando a sua ressignificação. Nesse sentido, consideramos a utilização da entrevista oral como um método que vem subsidiar o contexto documental no cenário memorialístico em sua interseção com a Ciência da Informação.

2 TRAVESSIA DA VIDA: navegando entre os rios

Percorrendo as águas turvas do Rio Sanhauá, na Paraíba, rumo ao Rio de Janeiro, e de lá retornamos às margens do Sanhauá (**Fotografia 1**), pelo regresso do escritor à cidade natal, passando a viver uma nova história, que se (re)veste de vitórias e de um novo tempo. Através do conhecimento buscando viver o presente, Políbio Alves alçou voos e alcançou o que buscava.

Fotografia 1 - Margens do Rio Sanhauá/PB.



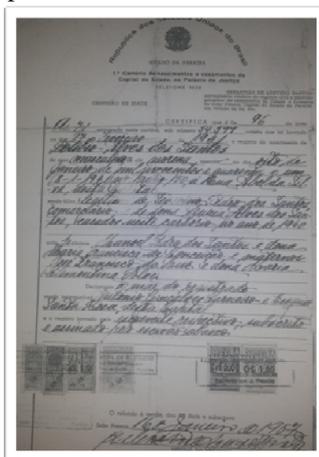
Fonte: Dados da pesquisa
Fotografia: CÓRDULA, A. C. C

Como disse Carlos Drummond de Andrade, em seu poema Mãos Dadas: “O tempo é a minha matéria, o tempo presente, os homens presentes, a vida presente.” Assim pensa e age Políbio Alves, desde sua mais rígida infância. Ele acredita que o tempo presente é o momento certo para viver, para agir, para correr atrás daquilo que se deseja. Para ele, o que importa é o hoje, o agora. Nesse sentido, em uma de nossas entrevistas, relatou: “*É aquela história, tem pessoa que vive do passado, para elas tudo é o passado, pois eu vivo do presente, tudo em mim é presente! Eu não tenho preocupação com o futuro, não vou ficar sofrendo pelo passado, tudo é agora, tudo é agora! Mas isso não é de hoje não, quando eu era criança, eu já era assim.*”

Sua determinação e força de vontade foram molas propulsoras para mudar o rumo de sua trajetória: de uma vida na pobreza, o poeta buscou um meio para mudar sua história. E se não fosse a sua determinação, talvez tivesse desistido antes de alcançar o seu propósito. Ele afirma: *“Sim, eu tenho determinação! E a minha é inquebrável! É infinita, quando eu quero, eu faço assim, eu estou prejudicando alguém? Não! Aí, sai de perto que o negócio é feio, vou até alcançar o meu objetivo.”*

O escritor paraibano, que faz da palavra seu instrumento de trabalho, nasceu em 8 de janeiro de 1941 na cidade de João Pessoa (PB) (**Figura 2**). Logo ao nascer foi morar no bairro de Cruz das Armas, precisamente na Rua São Luís. O pai caixeiro viajante, trabalhava pelas cidades e levava a família, porém, o mesmo foi vítima de uma enfermidade, falecendo precocemente aos 28 anos.

Figura 2 - Fotocópia da certidão do nascimento de Políbio Alves.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Com a morte precoce do pai, Severino Pedro dos Santos, Políbio relata: *“Eu era o filho mais velho, e minha mãe teve que retornar ao seio familiar, e com o auxílio de minhas tias recomeçar a vida, trabalhando duro para nos sustentar.”* Políbio Alves, a mãe e os irmãos foram morar com seu avô, e quando a mãe saía para trabalhar, ele e os irmãos, Olívio, Francisco, Núbia, José Vamberto e Líria ficavam aos cuidados das tias.

A mãe, Luzia Alves dos Santos era, de acordo com Políbio Alves: *“Uma mulher batalhadora, que saía logo cedo para trabalhar, passando o dia inteiro fora, e quando retornava, mesmo cansada, ainda tinha disposição para me alfabetizar.”* Foi através dos ensinamentos da mãe, que não tinha formação superior, mas que o próprio poeta relata, *“... ela tinha pós-doutorado em tudo na vida.”*, que Políbio Alves aprendeu a ler e a escrever. Mesmo sem ter os estudos completos, mas munida pela curiosidade e pelo desejo de conhecimento, a mãe buscava incessantemente aprender. Nesse sentido podemos perceber que

tanto a determinação quanto a sede de conhecimento foram heranças que o poeta herdou de mãe. De acordo com os relatos do escritor, Dona Luzia foi professora dele para além dos livros, trouxe-lhe verdadeiros ensinamentos de vida: “*Minha mãe me fez um homem, me ensinou que não é certo julgar, que era feio ser preconceituoso e discriminar as pessoas, para ela o importante era nos preocuparmos com nossa vida, e não com a vida do outro.*” O escritor relata também que a mãe foi fundamental em tudo para ele, ensinando-o a respeitar as pessoas, de cabeça erguida, tendo, sobretudo dignidade.

A Ilha do Bispo² foi cenário cotidiano de Políbio que, ao deixar Cruz das Armas, foi morar lá com a mãe em uma casa pequena, sem banheiro, sem divisórias, apenas um vão único. Nesse tempo, seus cinco irmãos, por falta de condições econômicas, ficaram internos em um abrigo da cidade, mas a mãe sempre ia visitá-los. Foi diante dessa situação de pobreza, que Políbio Alves descobriu a tal beleza que transborda o Rio Sanhauá, o herói mítico explanado em uma de suas obras *Varadouro*, na qual ele escreve: “Sanhauá, bicho da Natureza regurgita alegrias e tristezas, coração de poeta.” (ALVES, 2011, p.45).

Foi na sua infância que o escritor, que já tinha aprendido a ler e a escrever com a mãe, deparou-se com uma escolinha de fundo de quintal, onde a professora Nice ensinava. Munido pela curiosidade, além de uma intensa vontade de conhecer os livros, foi que o escritor não mediu esforços para sempre conhecer.

Certo dia entrou corajosamente na escolinha, sem avisar. A professora raivosa, o repreendeu e, para acalmar os ânimos dela, Políbio logo foi afirmando: “*Eu sei ler e escrever, também sei fazer contas.*” Surpresa com o que ele falou, a referida professora resolveu aplicar-lhe um teste e, percebendo a inteligência e a evolução dele, fez o convite para que ele a auxiliasse na tarefa de alfabetização dos alunos. A partir daí, Políbio passou a ter acesso a vários livros. Ele tinha sede de conhecimento e a professora Nice tornara-se uma ponte. Certa feita, ela o convidou para conhecer sua biblioteca particular, Políbio Alves ficou deslumbrado.

Naquela ocasião, a professora pediu que ele pegasse um daqueles livros para levar para casa e deleitar-se com a leitura. Políbio pegou o livro de Euclides da Cunha, *Os Sertões*, sem saber do que se tratava. Apenas escolheu aquele por ser o maior livro que estava próximo a ele. Ele relata que, temeroso de não ter mais oportunidade de ler outros livros, tratou de escolher o que tinha o maior número de páginas, o mais volumoso. Mas aquele fora o primeiro dos muitos livros que Dona Nice emprestara a Políbio; assim, ele começou uma jornada pelos livros, lendo sem parar. O escritor afirma: “*Não existia maior prazer do que a leitura. Os livros, estes foram*

² Bairro periférico de João Pessoa (PB), localizado na divisa com a cidade de Bayeux (PB).

os meus primeiros e únicos brinquedos.” Quanto maior a quantidade de livros lidos, maior era a sua sede de conhecimento, de leitura, e de informação. Assim, ele relata: *“Foram os livros que me trouxeram a possibilidade de sonhar, coisa impossível perante a condição em que eu vivia, assim foi, diante deles, que me deparei com uma chance para me salvar. Eles me deram a oportunidade de acreditar que eu poderia mudar a minha realidade, a realidade da minha família.”*

Políbio afirma que se tornou forte com os livros, através de suas leituras se sentia indestrutível. Dona Luzia o incentivava. Relembrando, ele relata: *“Minha mãe dizia, leia e vá dormir, quando você quiser, basta buscar que a informação aparece.”*

O acúmulo de informações era tão grande que passou a modificar suas noites de sono e ele sentia necessidade de colocar para fora todas aquelas informações. Foi a partir daí que ele passou a escrever em todos os lugares, nas paredes, nos cadernos, até no ar, ele escrevia as palavras que vinham em sua mente. Diante dessa necessidade, ele afirma: *“Escrever se tornou um hábito necessário para não morrer de silêncio.”*

Políbio Alves passou a escrever poemas e de forma anônima, deixava-os embaixo das carteiras dos alunos. Certo dia, Políbio estava acompanhando a aula com a professora Nice, quando ela o chamou lá na frente e disse: *“Eis aqui o poeta”*. Assim, ele relata: *“Foi nesse dia que descobri que eu sou um poeta.”* Certamente, ela o desvendou através da sua caligrafia e criatividade.

Com o tempo, a situação financeira apertou mais e dona Luzia se viu diante de um fato delicado, pois o salário era pouco para, sozinha, pagar aluguel, além de se sustentar com seu filho mais velho e ajudar os demais que estavam no abrigo. Com o aperto financeiro cada vez maior, o padre Zé Coutinho³, com quem a mãe de Políbio trabalhava como enfermeira, conseguira uma casa para ela morar com o filho, sem pagar aluguel, embora a localização não fosse das melhores, pois estava situada em uma área de boemia da cidade, próxima a alguns bordéis, no bairro do Varadouro, na Rua 5 de Agosto, nos fundos de um bordel. Mas despida de preconceitos e de qualquer discriminação, certa de que sua educação fora suficiente para seu filho respeitar o próximo e aceitar essa condição sem qualquer preconceito, ela seguiu para a nova moradia.

³ Monsenhor José da Silva Coutinho foi pioneiro na promoção humana na Paraíba, conhecido como Padre Zé ou pai dos pobres, fundou o Instituto São José e Hospital Padre Zé em 1935, hospital no qual dona Luzia trabalhou com ele por um longo período, como enfermeira.

Assim, logo Políbio inicia uma jornada fascinante pelas ruas do Varadouro, aquele clima boêmio o fascinava. Aos onze anos de vida, encantado com aquela magia, fazia daquele lugar nada apropriado para sua realidade, um lugar seu.

Ele saía pelas ruas, no período da noite, não para penetrar na boêmia, mas para deleitar-se daquele cenário que ingenuamente admirava. Escutava os sons das vitrolas de ficha, pessoas a gargalhar, as luzes coloridas da entrada, tudo era motivo para sonhar. Ele associava as coisas que via às coisas que lia nos livros, e assim aquele cenário possibilitava a ramificação de sua imaginação, dando frutos que mais tarde lhes renderiam histórias remontadas em suas obras. Sobre esta realidade, ele relata: *“A Maciel Pinheiro me marcou muito, e se faz presente em minha obra de maneira direta e indiretamente, com os personagens, cortiços até mesmo os bordéis.”*

Seu contato com Varadouro só se fortalecia. Políbio desbravava suas ruas, seu mundo; o rio Sanhauá não ficava de fora dessa jornada e, assim, ele ia fortalecendo esse vínculo, conhecendo ainda mais os becos, as ladeiras, as ruas e as pessoas. O cenário do bairro era matéria prima para sua imaginação.

Foi nesse período em que Políbio conheceu uma mulher, inteligente, fina, conhecida por Berta. Ela foi *“pessoa singular em minha vida”*, relata o escritor. Apesar de ser uma profissional da sensualidade, era extremamente culta. Foi ela quem apresentou a música clássica para ele. Em uma relação mútua de confiança e pensamentos em comum, Políbio Alves, destemido, mostrou os seus primeiros textos para ela que, de maneira suave, incentivava-o a melhorar, a escrever melhor, a se superar cada vez mais. Os textos eram muito bons, mas ela ensinou a Políbio que ele sempre podia fazer melhor. Esse ensinamento, ele conduziu para a vida. Exigente, sempre que vai lançar uma nova edição de suas obras, faz suas novas intervenções com o propósito de proporcionar aos leitores um texto ainda mais elaborado.

Diante das dificuldades familiares Políbio Alves sentiu necessidade de ajudar nas despesas da casa, tomando para si essa responsabilidade. Ele afirmou que um dia estava na casa do avô, e disse a todos: *“Vou tomar conta da minha família, vou trabalhar e ajudar a minha mãe a sustentar os meus irmãos.”* Diante dessa atitude de um menino que tinha apenas doze anos, o escritor relata: *“Todos riram de mim”*. Mas destemido e revestido de coragem, Políbio Alves, conseguiu por intermédio de uma funcionária do Serviço Social do Comércio (SESC), Célia Torres, um emprego no Paraíba Palace Hotel.

Com relação ao emprego, Políbio Alves foi contratado inicialmente para uma função burocrática, porém, quando iniciaram os primeiros dias de trabalho, o gerente já o colocou na

função de carregador de malas, em trabalhos pesados. Fez de quase tudo um pouco, trabalhou na limpeza, nos serviços gerais e também como ascensorista. Ele relata que trabalhar no hotel era prazeroso, porém, sofreu muitas humilhações por parte do gerente, um português de aproximadamente 50 anos de vida, cujo nome era Joaquim Maria Gomes Coimbra.

Retomando o cotidiano de Políbio Alves, na passagem pelo Paraíba Palace Hotel, o amigo Carlos Azevedo, afirma: *“Nós líamos Jean Paul Sartre, Simone de Beauvoir, e nos encontrávamos no Paraíba Palace Hotel, lá em cima havia um bar, não sei se era tropical o nome do bar, e Políbio Alves era interessante, ele era ascensorista do hotel, nos momentos que não tinha trabalho, ele subia, ia olhar e conversar um pouco conosco, e depois descia, subia e descia, e assim até o final do expediente dele, depois ele vinha, e estávamos todos influenciados por Jean-Paul Sartre. Políbio gostava demais de Jean-Paul Sartre, Os Caminhos da Liberdade, e outros livros de Sartre, eu também lendo Simone de Beauvoir. É, nós éramos uma geração existencialista.”*

A inteligência tamanha revelava uma carga de leitura um tanto inusitada, assim, o escritor seguia em busca de seus objetivos, mudar a sua realidade. Convivia, aprendia e ensinava, em uma relação mútua com outros intelectuais como ele, a exemplo de Carlos Azevedo.

Na década de 60, Políbio tenta uma vaga para estudar no ensino Clássico, atual ensino médio. Ele queria estudar no Lyceu Paraibano, mas para isso teria que ter o diploma de conclusão ginásial. Como tinha parado de frequentar a escola, teve que ser submetido a uma sabatina na Secretaria de Educação do Estado da Paraíba e, nesta avaliação, foi aprovado com nota máxima, obtendo o passaporte para o tão almejado ingresso na escola mais tradicional da cidade de João Pessoa (PB). Assim, consegue seu diploma de Admissão. Após cursar o primeiro e o segundo migrou para o Rio de Janeiro em busca de concursos para cargos públicos federais e confiando que seus esforços render-lhe-iam a tão almejada vaga, partiu com o consentimento e apoio da mãe no dia 9 de Janeiro de 1963. Nesse período, não existiam concursos públicos na Paraíba, tudo era alcançado por meio de uma indicação política, só quem tinha espaço eram as pessoas de família que tinha posses.

Saindo de João Pessoa (PB), com uma mala de papelão e o equivalente a vinte reais na moeda de hoje, relata o escritor. Ao desembarcar no Rio de Janeiro, partiu em busca de uma pensão na Lapa, foi andando até encontrar, dormiu lá e no outro dia foi em busca da casa do estudante. *“Fui procurar a casa de estudante, e não tinha vaga, mas eu disse: eu fico assim mesmo. Botei a mala de papelão embaixo da escada, e fui procurar um lugar para me alimentar. Indicaram-me o restaurante universitário, mas como eu podia comer lá se eu não*

era universitário?” Mesmo não sendo estudante, destemido, Políbio foi até o Calabouço, era assim que se chamava o restaurante universitário e secundarista, “uma espécie de bandeirão”, ele afirma. Como ele não tinha a carteira de estudante, não podia entrar logo. Uma fila era formada do lado de fora por outras pessoas que estavam na mesma situação que ele, e só comiam se sobrasse comida, a prioridade era dos estudantes. “Muitas vezes não sobrava comida, eu comi até o resto que as pessoas deixavam nos pratos. Mas tinha vezes que eu não comia nada.”

Foi no Calabouço que Políbio Alves instalou o supletivo, juntamente com outros estudantes. Objetivando concluir o Ensino Clássico, Políbio Alves recorreu por inúmeras vezes à Secretaria de Educação do Estado do Rio de Janeiro, no intuito de conseguir uma vaga em uma escola, mas na realidade não existiam vagas, havia uma superlotação. Mas Políbio Alves necessitava concluir os seus estudos para tentar ingressar em uma faculdade, e assim como ele, outros estudantes viviam a mesma realidade. Políbio, como sempre destemido e com a certeza de seus direitos, ia todos os dias à Secretaria de Educação na esperança de encontrar alguma solução para esse problema. Ele não queria, e nem podia ficar à margem.

Diante de tal situação, criaram o supletivo, ele afirmou: *“Foi assim que eu consegui o certificado do clássico, nós tivemos de criar um curso supletivo, onde ao mesmo tempo eu estudava e lecionava.”* E acrescentou: *“Fui ao Rio de Janeiro para vencer e nunca para desistir”*.

Políbio Alves se formou em Administração (**Fotografia 3**) e fez concurso público em nível nacional para técnico de administração, passando em primeiro lugar para o Estado da Paraíba. Assim, ele retorna ao seio familiar na década de 80, como funcionário do Ministério do Trabalho. Depois fez outro concurso também na Paraíba, assumindo o cargo de Auditor Fiscal do Trabalho, em 1984 (**Fotografia 4**).

Fotografia 3 - Políbio Alves em sua colação de grau do curso de graduação em Administração.



Fonte: Arquivo pessoal Políbio Alves

Fotografia 4 - Políbio Alves nos anos 80.



Fonte: Arquivo pessoal Políbio Alves

José Cleyber de Andrade Menezes, colega de trabalho de Políbio Alves, atualmente auditor fiscal aposentado, relata: *“Os trinta e poucos anos que convivi com Políbio na Delegacia Regional do Trabalho, hoje Superintendência, nunca vi nem presenciei e nem ouvi falar que Políbio fosse uma pessoa explosiva, mesmo nos momentos que eram usados de grosseria com ele. Nunca fora capaz de sair daquele controle que ele tem, muito tranquilo um controle emocional que é exemplar e que realmente nos engrandece tê-lo como colega.”*

Sua dedicação também é referenciada pela colega de Trabalho, Maria da Paz Bezerra do Nascimento. Ela relata: *“Nós trabalhamos em dupla, na fiscalização rural, fizemos fiscalização de jornada de banco, fiscalização em todos os postos de combustíveis de João Pessoa, tivemos uma grande empatia, ele era a minha dupla. O que mais me impressionava em Políbio Alves, era que ele era altamente competente, responsável, muito comprometido com o trabalho, tudo que fosse determinado para ser feito ele fazia com muito amor, muita dedicação, ele era muito dedicado.”*

Durante a sua dedicação à Delegacia Regional do Trabalho, Políbio não se afastou de suas publicações. Dedicava-se aos dois mundos profissionais, ambos com exímia satisfação e êxito. A colega de trabalho Maria da Paz, chamada carinhosamente por Políbio de Da Paz, revela: *“Nós conversávamos muito sobre suas obras, a fiscalização do trabalho era muito puxada, sem horário, eu ficava impressionada porque ele produzia suas obras, em plena atividade de fiscalização. Certo dia, eu questionei-o: Políbio, qual é o prazer que você sente cada vez que sua obra é publicada? Ele respondeu: orgasmo eterno. E deu aquela risada gostosa.”*

Na história de sua vida, em um capítulo à parte, o escritor sofre torturas, coisas que nem imaginava passar. Foi no Rio de Janeiro, em meio à ditadura, que ele foi preso político e torturado. No tópico a seguir, descortinaremos alguns fatos que marcaram esse período, ressignificando a sua memória, embora está, seja marcada por um período difícil de sua vida.

3 APÓS 50 ANOS: O SILÊNCIO SE ROMPE

No final de março de 1964, civis e militares juntam as suas forças com objetivo de derrubar o então presidente da república João Goulart, aplicando-lhe um Golpe de Estado. No poder, desde 1961, Jango como era conhecido popularmente o presidente da república, desde a sua posse, enfrentou diversas crises políticas, passando a prometer reformas sociais, econômicas e políticas com vistas a tornar um Brasil menos desigual e democrático. (NAPOLITANDO, 2014).

Jango era visto pela direita, como amigo dos comunistas, incompetente, irresponsável como homem político, um populista que prometia mais do que poderia dar à sociedade brasileira. Dessa forma, os militares justificaram o golpe, sob a alegação de que havia uma ameaça comunista no país. Com o golpe, os militares passaram a conduzir o Brasil. Foi uma época marcada pela prática de vários Atos Institucionais que evidenciavam a censura, a perseguição política, a falta de democracia, a supressão de direitos constitucionais e a repressão àqueles que eram contrários ao regime militar, que durou mais de 20 anos (1964/1985).

Nesse período, Políbio Alves morava no Rio de Janeiro e estava em pleno vigor, buscando seus ideais. Para ele, a ditadura militar deixou marcas que o tempo não consegue apagar.

Gaspari (2014, p.19) afirma que a tortura tornou-se matéria-prima de ensino e prática rotineira dentro da máquina militar de repressão política da ditadura. Os militares acreditavam que a segurança pública era a lei suprema. Para eles, o país estaria acima de tudo e de todos, assim, tudo era válido ser feito contra aqueles que o ameaçavam.

Muito sangue foi derramado nos vinte anos da ditadura. Nesse aspecto, José (2014) destaca o depoimento recente do coronel reformado Paulo Magalhães, um dos torturadores do Centro de Informações do Exército (CIE), que, através da Comissão Nacional da Verdade no Rio de Janeiro, retrata em seu depoimento relatos dessas torturas. Nesse sentido, suas histórias somam-se aos das vítimas que passaram por vários tipos de torturas desde o pau de arara ao choque elétrico, entre outras. A denúncia foi feita em vias de contramão, pelo próprio torturador.

Com relação às torturas, Políbio relatou: *“Ouvi relatos terríveis de torturas, para além do que sofri. Foram muitos crimes bárbaros que aconteceram, e tudo com o consentimento do governo. Penduravam pessoas, faziam rolos de jornais e colocavam no ânus delas, com as mulheres então, eles tiravam com alicates os mamilos, as unhas, meu DEUS... Era tão absurdo as torturas. Muitas pessoas foram mortas.”*

Esse foi um período muito turbulento para a população, que passou a temer aqueles que as deveriam defender. Nesse sentido, o povo brasileiro se uniu, articulando-se para agir e reagir, contra as torturas e as mortes que assolavam a população. Um dos cenários de organização de piquetes contra a ditadura era o Calabouço. Políbio Alves relata: *“Do restaurante Calabouço partiam piquetes de greve contra o regime. Eu fui preso político sem ser comunista, sem ser nada, apenas porque freqüentava aquele ambiente.”* E continuou: *“Na primeira vez, os militares perguntaram porque eu estava no Calabouço, e eu respondi, porque o Copacabana Palace não me acolheu.”* Dotado de um certo tom de ironia, o escritor nada temeroso, respondeu ao questionamento. Políbio publicava na tribuna da imprensa, o único jornal contra o regime, contra o governo, assim ele afirma: *“E eu publicava lá.”*

Na realidade, ele explica que, certo dia, mandou uma carta, uma espécie de depoimento para a tribuna da imprensa, e eles publicaram, e foi a partir desse contato que o escritor começou a publicar seus textos no suplemento cultural. Ele afirma que enviava seus textos para a tribuna, sem intenção de fazer qualquer tipo de enfrentamento. Este foi o único meio que encontrou para publicar seus textos, essa foi a sua maior intenção.

Outro fato marcante foi a morte do colega Edson Luiz de Lima Souto, estudante paraense que, assim como Políbio, estava buscando no Rio de Janeiro uma oportunidade melhor através dos estudos. Foi no restaurante Calabouço, em 28 de Março de 1968, que Edson Luiz foi vítima dos militares, assassinando-o sem que ele tivesse sequer reagido. Políbio relata que foi no horário do jantar que os policiais entraram já atirando, baleando Edson Luiz com um tiro fatal no peito, atingindo também outros estudantes que ali estavam para se alimentarem.

Políbio Alves foi quem levou Edson Luiz para o Calabouço. Quando o conheceu, ele estava desmaiado na rua, sobrevivendo como um mendigo, sedento e com fome. *“Um dia, eu passando pela Cinelândia, encontrei um jovem sujo, caído ao chão, com a boca espumando, parecia desmaiado. Percebi logo que aquilo ali era fome, então o ajudei a levantar, comprei um copo de leite em um bar e ele foi despertando.”* Este jovem era Edson Luiz, recém-chegado de Belém do Pará, há mais ou menos três dias. Ao posar nos solos cariocas, logo foi assaltado, ficando sem nada, só com a roupa do corpo. Dessa forma, sem opção, ele estava

dormindo na rua, relata o escritor. Indignado com a situação precária do jovem, Políbio Alves prontamente afirmou para ele que, naquele instante, o sofrimento dele ficaria para traz eo levou para morar no Calabouço. A partir daquele dia, Edson se tornou também, além de morador, estudante do supletivo e passou a auxiliar na limpeza do lugar. Ele não era comunista, nem do movimento de esquerda, ele queria apenas estudar e melhorar a sua vida, mas infelizmente foi vítima daquele ataque covarde. Políbio relata: *“Eu quase presenciei o assassinato, estava chegando no Calabouço, amais ou menos 100 metros, ainda ouvi os tiros.”* Emocionado com as lembranças, ele afirma: *“Eu nunca vou esquecer o nome do militar que atirou nele, Aloísio Raposo.”*

A morte do estudante repercutiu pelo Brasil. Passeatas foram realizadas por várias cidades, cartazes eram expostos em vários pontos, muitas manifestações e atos de protestos. Com todo esse movimento popular tomando fôlego, a polícia militar foi para ruas com objetivo de reprimir aquelas manifestações realizadas contra o governo. Passaram então a buscar, de alguma maneira, os jovens envolvidos nessas manifestações. Políbio Alves não se furtou de participar desse movimento, ele não era comunista, mas era colega daquele que teve a vida ceifada precoce e injustamente. Com uma rotina cotidiana, Políbio Alves, seria um alvo fácil para a polícia, pois se situava corriqueiramente entre a casa do estudante e o restaurante Calabouço. Através de um registro imagético (**Figura 5**) de uma das manifestações, Políbio Alves foi preso pela primeira vez. Na imagem, Políbio, participa de uma passeata expressando a sua indignação com relação à morte injusta do colega. Dessa forma, esse registro feito pelos policiais viabilizou a sua primeira prisão no dia um de Maio de 1968.

Figura 5 - Imagem de Políbio Alves em uma manifestação da Morte de Edson Luiz.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Políbio relata que, ao ser preso, foi levado para a sede do Destacamento de Operações de Informações (DOI), situada no Centro de Operações de Defesa Interna (CODI), e foi questionado a respeito de sua presença nas manifestações: *“Com a imagem na mão, perguntaram: Esse é você?”* Políbio relata: *“Eu não tinha como negar, era minha foto, eu estava lá, embora não fosse comunista, estava em um protesto contra a morte de um amigo e aluno meu.”* E continua: *“Fui agredido, chutaram-me no rosto, apanhei muito, depois me levaram para uma espécie de cela, sem um fio de luz, pois não tinha janela, nem consigo precisar ao certo, quanto tempo eu passei preso.”*

Ao ser solto, Políbio Alves, voltou à sua rotina, tinha seus objetivos para alcançar, então decidiu não buscar a clandestinidade, que era muito comum naquele período por parte daqueles que conseguiam retomar a liberdade. O escritor relata que foi preso por três vezes e, quando saía em liberdade, ia ao ministério da guerra para entregar um relatório, descrevendo tudo que se passara com ele. Incomodados com a persistência de Políbio e para impedi-lo de ir novamente, torturaram-no mais uma vez: *“Eles me pegaram e com um pano molhado, e uma barra de ferro me colocaram de cabeça para baixo, acabaram com metade do meu corpo, e eu fiquei parálítico, fiquei sem andar por um ano.”*, relata o escritor.

Durante muito tempo, Políbio não conseguia falar sobre o assunto, que era tão doloroso para ele. Porém, nos últimos três anos, ele consegue revelar as suas dores, a sua superação, o trauma sofrido covardemente, torturas, destruição de seus escritos. Ele foi tolhido da própria liberdade, até mesmo depois de liberado de sua última prisão, restando-lhes mais de um ano interno sem andar em um dos hospitais do Rio de Janeiro.

Fruto de seus estudos e das suas visitas à biblioteca Nacional, bem como à sua carga de leitura, Políbio tinha escrito alguns textos de sua autoria. Porém, ele relata: *“Meus textos foram queimados pela polícia, a polícia quando foi lá destruiu tudo. Foram muitos textos nos quais eles tocaram fogo. Eles queimaram também as minhas roupas, que já eram poucas, assim, eu fiquei só com a roupa do corpo.”*

Em uma de nossas entrevistas, o escritor, que é muito expressivo e fala bastante, para um pouco, cala-se por uns instantes, depois ele relata: *“Só quem passou por isso sabe o que é isso. Eu acredito que existe uma força superior, e por causa dela que eu estou aqui conversando com você.”*

Quanto à sua recuperação, durante o período em que esteve hospitalizado, ele relata que sua salvação veio através de uma senhora que trabalhava no hospital, *“Eu estava apodrecendo no hospital, e uma senhora zeladora de lá, uma mulher simples me salvou.*

Certo dia, comovida com a minha situação, ela falou que iria me levar para a sua casa e disse também que era do Candomblé”, relata o escritor.

Esta senhora cuidou dele, incentivou-o a voltar a andar, em uma de nossas entrevistas, ele afirma: *“A coisa que foi mais difícil para mim, foi eu acreditar que eu podia andar novamente.”* Foram muitos os desafios enfrentados pelo escritor. Ele afirma que só o fato de sobreviver o deixa feliz, no entanto, as marcas são eternas, e as seqüelas não são apenas no campo emocional. Políbio disse que ficou com problemas de circulação nos membros inferiores, necessitando de cuidados médicos, semestralmente, ainda nos dias atuais.

Destemido, ele afirma: *“Foram muitas as dificuldades enfrentadas durante minha estada no Rio de Janeiro, mas eu não sou nem santo, nem herói, sou um homem comum que se esforçou para alcançar seus objetivos. Não fico calado, eu grito, eu falo, não me conformo com injustiças. Vim para esse mundo para enfrentar, não acredito que Deus quer a minha infelicidade, mas os homens, esses eu já nem sei.”*

Durante muitos anos, Políbio Alves, não conseguia falar sobre este assunto, recusando-se a receber qualquer tipo de indenização por parte do governo, sobre este aspecto, ele afirma: *“Nenhum dinheiro vai pagar o sofrimento que passei, não apagará as marcas deixadas em mim.”*

4 A IDIOSSINCRASIA DO ESCRITOR POLÍBIO: suas obras, seu legado

Políbio Alves que conheceu o universo das letras e as palavras, antes mesmo de freqüentar uma escola, fez dela sua matéria prima, e com mão de artista desenha suas obras, seu legado. Para o escritor, caminhar pela seara da literatura não foi tão simples como pode parecer, o *glamour* de ter livros editados em Cuba foi antecedido pelo esforço pessoal, de arcar com as despesas de suas primeiras publicações.

O jornalista Willian Costa afirma em nossa entrevista: *“Um escritor como Políbio nos proporciona dois grandes presentes simultâneos, primeiro é a obra dele, é a poesia dele, a prosa dele, e segundo é o estímulo que nos dá para continuarmos sendo leitores de suas obras. Sua carpintaria poética e ficcional nos dá muito deleite como leitor, eu não sou crítico em literatura, não sou especialista em literatura, sou apenas um leitor. Então, ler Políbio nos dá um grande prazer, pelas histórias que ele cria, muitas a partir desse universo que faz parte da vida e da história dele, que representa a cidade baixa que é o Varadouro. Mas o que nos prende também é a sua linguagem, como ele lida com a palavra, sua oratória, concisão, as imagens que ele cria, então, isso traz para nós leitores, um riacho, um rio de prazeres.”*

Políbio Alves (2003, p.21) afirma:

As coisas vividas, as experiências que transponho para o texto resultam sempre de inquietação pessoal, angústia. Escrever é sobreviver, apesar de. Embora minhas reflexões sobre o espaço de expressão sejam uma visão implícita da feitura do texto, devo acrescentar que as minhas experiências práticas com a literatura ultrapassam a paixão de minha cumplicidade estética artesanal.

Diante deste relato, passemos a compreender a sua produção no viés da escrita de si (ARAUJO, P., 2011). Políbio traz à tona questões que o inquietaram mesmo longe da terra natal. No período em que morou no Rio de Janeiro, as lembranças sempre vivas em sua mente fizeram-no reviver fatos passados através do fio da escrita, da reflexão e das inquietações.

Assim, ele afirma: “A escrita, creio, é um exercício constante da vida. Sim, através da irredutibilidade de vivências particulares. Indizíveis. De forma peculiar.” (ALVES, 2003, p.23).

Da sua produção temos: O primeiro livro publicado, *O que resta dos mortos*, que teve sua primeira edição lançada em 1983, pela editora União (João Pessoa, Paraíba). Em 1998, foi lançado em Cuba, intitulado “*Lo que queda de los muertos*”, pela editora Arte y Literatura, no ano de 1998 (La Havana, Cuba). Em 2003, esta obra foi lançada em sua terceira edição, pela Editora Universitária/UFPB (João Pessoa, PB), rendendo-lhe o Troféu Correio das Artes, na categoria Melhor Livro de Ficção, em 2004. Sua quarta edição foi lançada no mesmo ano da premiação, em 2004, pela editora Universitária (UFPB), em uma versão traduzida para o espanhol, pela tradutora Aurora Fibla, intitulando-se *Lo que queda de los muertos*. A segunda obra lançada pelo escritor foi seu livro de poesia, *Varadouro*, publicado em 1989, pela Almeida Gráfica, João Pessoa-PB. Nove anos mais tarde (1998), foi lançado em versão espanhola em terras cubanas, pela editora Arte y Literatura. uma das mais renomadas e estudadas pelo mundo. Em 2003, a sua terceira edição lançada pela Editora Universitária/UFPB, João Pessoa-PB. Neste mesmo ano, Políbio Alves recebeu o Troféu Correio das Artes (João Pessoa-PB), na categoria de melhor escritor (**Figura 6**)

Figura 6 - Troféu Correio das Artes na Categoria Melhor Escritor (2003).



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Em 2011, o escritor foi homenageado pelo *Projeto Ano Cultural*⁴, promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. Neste projeto, a obra escolhida para trabalhar nas escolas municipais de João Pessoa (PB), foi o livro-poema *Varadouro*, totalizando três reedições consecutivas da mesma obra, sendo a 4ª edição lançada pela Editora Universitária/UFPB (João Pessoa-PB), por ocasião da abertura do aludido evento.

Políbio Alves tem a sua terceira obra publicada, intitulada “*Exercício Lúdico - Invenções & Armadilha*”, livro de poesia lançado pela editora Ideia, João Pessoa-PB, no ano de 1991. Este livro foi traduzido para a língua inglesa pela Profa. Bárbara de Fátima Alves de Oliveira, da Universidade Federal do Tocantins, como parte de um projeto de divulgação da Literatura Brasileira, no ano de 2003. A quarta obra foi lançada em 2005, livro de poesia *Passagem Branca*, pela editora Dinâmica (João Pessoa-PB). Apesar de ter sido publicada apenas em 2005, esta obra já tinha sido escrita desde o período que morou no Rio de Janeiro. Em 1977, na referida cidade, o escritor Políbio Alves disputou o conceituado prêmio literário Augusto Motta, competindo com 10.177 obras inscritas, sendo ele o vencedor com esta obra, que só foi publicada apenas 28 anos após a premiação recebida.

Em 2013, o escritor lança mais uma obra, o livro de poesia “*Os objetos indomáveis*”, pela Mídia gráfica e editora (João Pessoa-PB). Esta obra fez parte da programação da 28ª edição da Feira Internacional do Livro e da Imprensa de Genebra, que aconteceu entre os dias 30 de abril e 4 de maio de 2014, na Suíça, conforme matéria anunciada por Audaci Júnior, no Jornal da Paraíba, em 12 de março de 2014 (**Figura 7**).

⁴ O projeto Ano Cultural foi um projeto desenvolvido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa (PMJP), por meio da Secretaria de Educação e Cultura (SEDEC), nas escolas da rede municipal. O projeto teve início em 2007 homenageando personalidades paraibanas que se destacam no cenário cultural brasileiro

Figura 7 - Recorte de Jornal, com matéria sobre livro *Os Objetos Indomáveis*.



Fonte: Arquivo Pessoal de Políbio Alves

Em 2013, Políbio Alves vence o concurso Augusto dos Anjos, na categoria contos, com uma nova obra intitulada: *Os ratos Amestrados fazem acrobacias ao amanhecer*. Esta obra foi lançada no dia 7 de novembro de 2014, em solenidade na Fundação Espaço Cultural da Paraíba (FUNESC), órgão promotor do concurso que reuniu os vencedores das várias categorias.

Políbio Alves segue com sua produção, desbravando como escritor à nível mundial, o mesmo relata ter algumas obras em andamento para publicação, as quais estão passando por novas releituras, afirma o escritor. Entre as obras citadas por eles, estão: *A leste dos Homens*, *A Traição de Hemingway* e *Havana Vieja Olhos de Ver*. O escritor segue, semeando a inteligência incrustada em sua obra. O despertar de sua importância na literatura vem se consolidando, gradativamente, em solos paraibanos. Várias são as homenagens que têm recebido em forma de reconhecimento pela sua contribuição à cultura paraibana. E ele vai além, emerge como destaque da cultural para o mundo.

5 COLOCANDO UM PONTO NAS NARRATIVAS

No final dessa jornada, fechamos as gavetas, guardamos os documentos, os recortes de jornais, as comendas, os livros, a produção literária do escritor. Retorno ao passado que ontem era nosso futuro, cotejado por uma agenda que marcava os vários momentos de convivência com o poeta. Remexo o baú de minhas memórias e transito livre por entre sua pinacoteca, seu mundo, seu acervo. Um turbilhão de falas, no emaranhado da mente, os amigos, os

profissionais literatas, conceitos, visões, frases, um colorido diferente, que trouxe ao universo documental um tom mais próximo do dizível.

Por Molina Ribeiro, um Políbio: criativo, escritor premiado, um amigo; por Elizabeth Marinheiro, um homem: cordial, inteligente, com humor refinado quase irreverente; por Carlos Azevedo: um Políbio indefinível, complexo, impossível de atrelar qualificativos; por Roselis Batista: um escritor que nos engrandece, que respira filosofia de vida, pessoa humana, admirável.

O escritor, poeta, contista, ficcionista, carpinteiro da palavra, como disse Willian Costa, desenha em suas obras a realidade dele, uma mescla da denúncia social, de fatos históricos, de vida real, de ficção. Na poesia, ele traz uma magia de um épico diferente, aquele que nenhum outro escritor antes percebeu, a natureza revestida de beleza é, ao mesmo tempo, o herói de sua lira.

Com a alma de arquivista, que o próprio produtor vincula à formação em administração, Políbio Alves acumula, em seu arquivo pessoal, uma espécie de fonte confessional. Ao considerarmos a visão de Oliveira (2009), o Políbio como acumulador de seus documentos torna-se escritor de si mesmo, possibilitando-nos acesso a seu itinerário, reflexo de como gostaria de ser (re)conhecido. Dessa forma, arquivar é conservar-se, é perceber em cada documento pessoal uma fonte de si próprio.

No desenvolver da dissertação, trouxemos o acervo como fonte confessional, aquela que foi capaz de representar o Políbio Alves em suas mais variadas identidades. Conhecemos sua trajetória que nem sempre foi de vitórias. Perspectiva percebida por meio de um apanhado arqueológico, em que buscamos rastros, vestígios. Na realidade, buscamos memórias, aquelas capazes de trazer à tona a história vivida pelo escritor, em uma linha tênue entre o lembrar e o esquecer (RICOUER, 2007). O que nos conduz a relembrar o que Bosi (1994) preconiza: o ato de lembrar não significa reviver os fatos tais como foram, implica sim, em trazer à tona uma representação desses fatos, agregando a consciência atual daqueles que o viveram.

Para tanto, contamos não apenas com o arquivo como uma escrita de si, embora tenham sido traço essencial no desvendar da pesquisa, as histórias narradas pelo produtor e pelos entrevistados trouxeram ainda mais vivacidade no delineio dessa trajetória.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Ouvir Contar**: Textos em História Oral. Rio de Janeiro: FGV, 2013.

ALVES, P. **O que resta dos mortos**. 4.ed. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2003.

ARAÚJO, P. G. **O revés autobiográfico na literatura contemporânea brasileira.**

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós Graduação do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2011.

AZEVEDO NETTO, C. X.de. Preservação do patrimônio arqueológico – reflexões através do registro e transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, D.F., v. 37, n. 3, p. 7-17, set./dez. 2008.

BARRETO, A. A. Os Agregados de informação: memória, esquecimento e estoques de informação, **Datagrama**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 3, p. 5-11, 2000.

BOSI, E. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Cia. das Letras, 1994.

GASPARI, E. **As ilusões armadas.** A ditadura Escancarada. 2 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014.

GONDAR, J. Quatro proposições sobre memória social. In: GONDAR, Jô; DOBEDEI, Vera(Orgs.). **O que é memória social?** Rio de Janeiro: Contra Capa; Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2005, p.11-26.

JOSÉ, E. A ditadura foi derrotada pelo povo. **Carta Capital**. Sociedade. Especial - 50 anos do golpe. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/a-ditadura-foi-derrotada-pelo-povo-1586.html>>. Publicado em: 28/mar./2014. Acesso em: 20 jan. 2015.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à Internet. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2008.

MEIHY, J. C. S. B.; HOLANDA, F. **História oral: como fazer, como pensar.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014.

OLIVEIRA, B. M. J. F. de. **JOSÉ SIMEÃO:** escritos de uma trajetória. Tese (Doutorado em Letras) - Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009. 2v.

OLIVEIRA, M. B. F. de. Memória e arquivos literários: a escrita de si como registro intimista. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 11., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <<http://gtancib.fci.unb.br/index.php/gt-10/2-uncategorised/188-gt10-anais-digitais-xi-enancib>>. Acesso em: 27 dez. 2014.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

SOUZA, L. B. R. H. de.; OLIVEIRA, B. M. J. F.. Afonso Pereira: por entre as raízes da memória biblioteconômica paraibana. **Biblionline**, João Pessoa, v. 1, n. 1, 2005.